



A Santa Sé

**DISCURSO DO SANTO PADRE
AOS MEMBROS DA CÚRIA ROMANA E
DA FAMÍLIA PONTIFÍCIA PARA A
APRESENTAÇÃO DOS VOTOS DE NATAL**

Sábado, 22 de Dezembro de 2001

1. Prope est iam Dominus. Venite, adoremus!

É com estas palavras da Liturgia do Advento que vos recebo e vos saúdo cordialmente, a vós Senhores Cardeais, venerados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio, religiosos e leigos que fazeis parte da Cúria Romana e do Vicariato de Roma. Agradeço ao Cardeal Decano, Bernardin Gantin, os sentimentos de bons votos que expressou no vosso nome, e a todos transmito a minha alegria por me encontrar convosco para este tradicional encontro de família. Trata-se de uma reunião que exprime muito bem o sentido de profunda comunhão com o Sucessor de Pedro, que anima e sustém o vosso trabalho. Estou-vos grato pela devoção que nutris em relação à Sé Apostólica e pelo compromisso generoso com que participais, dia a dia e de várias maneiras, na solicitude com que levo a cabo o *ministerium petrinum* que me foi confiado. A todos, obrigado de coração!

O Natal do Senhor está iminente. Vinde, adoremos! É com admiração sempre nova que nos aproximamos do mistério do nascimento de Cristo, *em cujo rosto humano resplandece a ternura de Deus*. Sim, Deus ama-nos verdadeiramente! Ele não se esqueceu dos homens, abandonando-os à impotência e à solidão, mas enviou o seu Filho para revestir a sua carne mortal, a fim de os subtrair ao vazio do pecado e do desespero.

"(O Verbo) deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que o receberam", diz-nos o Apóstolo João no seu Evangelho (1, 12). Em Jesus de Nazaré, Ele dá-nos a sua própria vida. Torna-nos "filhos no Filho", fazendo-nos participantes da sua intimidade trinitária e tornando-nos

irmãos entre nós. O Natal é o terreno seguro e sempre fecundo, onde brota a esperança da humanidade. Contemplar o Menino de Belém significa esperar o advento de uma humanidade renovada, novamente criada à sua imagem, vitoriosa sobre o pecado e a morte; significa acreditar que, na nossa história caracterizada por inúmeros sofrimentos, *a última palavra pertencerá à vida e ao amor*. Deus construiu a sua tenda no meio de nós, para nos abrir o caminho rumo à sua morada eterna.

2. É com esta "característica" de eternidade que queremos ler a história e voltar a considerar - como é habitual neste nosso encontro anual - os principais acontecimentos que assinalaram os doze meses passados: é de bom grado que o faço juntamente convosco, meus estimados colaboradores, em atitude de gratidão ao Deus da vida, que detém nas suas mãos as obras e os dias dos seres humanos.

Em primeiro lugar, recordo com que íntima emoção, *na manhã da Epifania*, assinei a Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*. Desejo louvar de novo a Deus, fonte de todo o bem, pelas inúmeras graças que o Grande Jubileu do Ano 2000 concedeu à comunidade cristã e pelo renovado impulso apostólico que brotou nas várias Igrejas locais, a partir da celebração dos dois mil anos do nascimento de Cristo. "*Duc in altum!*" (Lc 5, 4). Uma vez mais, "estas palavras ressoam hoje aos nossos ouvidos, convidando-nos a lembrar com gratidão o passado, a viver com paixão o presente, abrir-se com confiança ao futuro: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e sempre"" (*Novo millennio ineunte*, 1). No início do novo milénio toda a Igreja, recomeçando a partir de Cristo, sustentada pelo amor do Pai e confortada pelo dom inexaurível do Espírito, coloca-se com humildade ao serviço do mundo e, com o testemunho da vida e das obras, *pretende oferecer-lhe a sua única riqueza*: Cristo Senhor, Salvador e Redentor do homem (cf. Act 3, 6).

3. Esta missão é confiada de maneira particular a quantos, como sucessores dos Apóstolos, são chamados e enviados para apascentar a grei de Deus (cf. 1 Pd 5, 2). Nesta perspectiva, o primeiro pensamento volta-se, antes de mais nada, para os Bispos das várias Nações, que tive a alegria de receber nos últimos meses, durante *as visitas "ad limina Apostolorum"*. Em seguida, penso nos numerosos Prelados que viveram juntamente comigo, no passado mês de Outubro, a experiência da *X Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos*, sobre o tema: "O Bispo servidor do Evangelho de Cristo para a esperança do mundo". Além disso, no dia 22 de Novembro publiquei a Exortação Apostólica *Ecclesia in Oceania*, na qual reuni as conclusões da *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos*, celebrada em 1998, sobre os problemas e as perspectivas desse grandioso continente. Enfim, não posso deixar de recordar o *Consistório, realizado no mês de Fevereiro*, durante o qual numerosos Bispos e alguns Sacerdotes foram chamados para fazer parte do Colégio Cardinalício, que em seguida se reuniu *no mês de Maio para o Consistório Extraordinário*.

Estes encontros - caracterizados pela oração, pelo trabalho, pela busca conjunta e pela partilha

fraternal - ajudaram-nos a procurar sendas ao longo das quais a Igreja deve encaminhar-se para anunciar Cristo no nosso tempo e, assim, ser cada vez mais o sal da terra e a luz do mundo (cf. Mt 5, 13), a fim de que a humanidade inteira, "escutando acredite, acreditando espere e esperando ame" (*Dei Verbum*, 1).

4. O Senhor concedeu-me completar a "*peregrinação jubilar*" aos lugares ligados à *História da Salvação*: com efeito, segui os passos de São Paulo em *Atenas, Damasco e Malta*, para recordar a aventura humana e espiritual do Apóstolo dos pagãos e a sua dedicação incondicional à causa de Cristo.

Em cada país, encontrei com alegria as comunidades católicas dos vários Ritos e também desejei fazer uma visita aos Patriarcas e Arcebispos das *veneráveis Igrejas ortodoxas do Oriente*, às quais estamos vinculados através da profissão da fé em Cristo, único Senhor e Salvador. Juntamente com eles, pude expressar novamente o anseio pela plena unidade de todos os crentes em Cristo, renovando o compromisso a trabalhar a fim de que se apresse o dia da comunhão também visível entre o Oriente e o Ocidente cristãos. Além disso, em Damasco visitei a Mesquita dos Omayyadis, que contém o monumento a João Baptista, Precursor de Jesus, manifestando desta forma, apesar do claro reconhecimento das diferenças, o respeito que a Igreja católica nutre em relação ao Islão.

5. Continuando no compromisso que se encontra no fundamento das viagens apostólicas até agora realizadas, ou seja, o de confirmar os irmãos na fé (cf. Lc 22, 32) e de os consolar em todo o género de aflição (cf. 2 Cor 1, 3-4), no mês de Junho fui à *Ucrânia*, onde os filhos da Igreja católica, juntamente com os outros irmãos cristãos, experimentaram no século que há pouco chegou ao seu termo, *uma perseguição cruel* e testemunharam até ao martírio a sua adesão ao Senhor Jesus. Nesses dias, pedi com insistência a Deus que a Igreja na Europa possa voltar a respirar com os seus dois pulmões, a fim de que todo o continente conheça uma renovada evangelização.

Em seguida, no mês de Setembro, visitei o *Cazaquistão*, onde pude observar a firme vontade que aquele povo tem de ultrapassar um passado difícil, assinalado pela *opressão da dignidade e dos direitos da pessoa humana*. Ali, voltei a convidar os seguidores de todas as religiões a rejeitar com firmeza a violência, em ordem a contribuir para formar uma humanidade amante da paz, orientada para as metas da justiça e da solidariedade.

Em seguida, fui à *Arménia*, para prestar homenagem a uma Nação que, *há 17 séculos, vinculou a sua história ao Cristianismo* e pagou com um preço muito elevado a fidelidade à sua identidade: basta pensar no terrível extermínio de massa, padecido no início do século XX. A hospitalidade, que me foi reservada com amável cortesia por Sua Santidade o Catholicos Karekin II, emocionou-me profundamente.

Agradeço de coração a quantos me acolheram como amigo, irmão e peregrino. A todos asseguro a minha lembrança na oração. Do mesmo modo, acompanho com particular afecto *o dilecto povo chinês*, que tive particularmente presente na recente comemoração do 400º aniversário *da chegada a Pequim, de Padre Mateus Ricci*, célebre filho da Companhia de Jesus.

Sem ignorar as dificuldades e também os sofrimentos que às vezes marcam o caminho, volto a afirmar aqui a minha profunda convicção de que o caminho do conhecimento recíproco e, onde é possível, da oração conjunta, é a vereda privilegiada para o entendimento, a solidariedade e a paz.

A sombra do terrorismo e das tensões na Terra Santa

6. A sombra do trágico atentado terrorista de Nova Iorque, da resposta armada no Afeganistão e da recrudescência das tensões na Terra Santa entristeceu estes últimos meses do ano. Diante desta situação, os discípulos de Cristo, Príncipe da Paz (cf. *Is 9, 5*), são chamados a proclamar constantemente que *cada forma de violência terrorista ofende a santidade de Deus* e a dignidade do homem, e que a religião jamais pode tornar-se motivo de agressão bélica, de ódio e de prepotência. Renovo o meu premente convite a todos os homens de boa vontade, a não poupar esforços em ordem a encontrar soluções equitativas para os múltiplos conflitos que assediam o mundo e para assegurar a todos um presente e um futuro de paz. Não nos devemos esquecer que "não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão!" (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1 de Janeiro de 2002).

Porém, antes de ser fruto dos esforços humanos *a paz verdadeira é um dom de Deus*: com efeito, Jesus Cristo "é a nossa paz. De dois povos, Ele fez um só. Na sua carne, derrubou o muro da separação" (*Ef 2, 14*). Dado que "aquilo que a oração pede, é o jejum que o obtém e a misericórdia que o recebe, e estes três, a oração, o jejum e a misericórdia, são uma só coisa e recebem vida um do outro" (São Pedro Crisólogo, *Sermo 43*: PL 52, 320), desejei propor aos filhos da Igreja um dia de penitência e de solidariedade no passado dia *14 de Dezembro*. Em continuidade espiritual, no próximo dia *24 de Janeiro* voltaremos a interperlar Aquele, o único que é capaz de derrubar os muros da imizade que separam os homens: na cidade de São Francisco, os representantes das religiões do mundo, em particular os cristãos e os muçulmanos, elevarão a sua premente prece pela superação das contraposições e pela promoção da paz autêntica.

Agradeço a todos aqueles que, nas diversas regiões da terra, se unem neste exercício penitencial: o fruto do seu sacrifício servirá para aliviar os sofrimentos de muitos irmãos e irmãs inocentes, provados pela dor. Em seguida convido-os, e de maneira especial a vós, caros membros da Cúria Romana e do Vicariato de Roma, a unir-vos espiritualmente à oração que se recitará em Assis, a fim de que o mundo conheça dias de paz.

7. Para a nossa consolação e o sustento da nossa esperança, admiremos *o dom da santidade* que floresce incessantemente no povo de Deus: a Igreja é Mãe de todos! A fecundidade da graça

baptismal é manifestada pela vida de muitos cristãos que, durante o ano, *tive a alegria de elevar às honras dos altares*, aqui em Roma e no decurso das viagens apostólicas à Ucrânia e a Malta.

Neste luminoso panorama de "testemunhas", Bispos e sacerdotes, consagrados e leigos, apraz-me recordar os cônjuges Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi, os primeiros da história da Igreja a serem beatificados ao mesmo tempo, como casal, testemunho eloquente da santidade no matrimónio.

À intercessão conjunta destes nossos irmãos exemplares, confio a invocação de todos pela paz neste período de Natal.

8. *Rorate caeli desuper, et nubes pluant iustum!*

Chamados a olhar para o alto (cf. Os 11, 7), resumimos nesta invocação a ardente expectativa do Salvador. No Natal, o Deus invisível torna-se-nos presente e visível em Jesus, Filho de Maria, a *Theotokos*; Ele é o Emanuel, o Deus connosco. "Esta é a alegre convicção da Igreja desde o início, quando canta "o grande mistério da piedade": Ele manifestou-se na carne" (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 463).

Em Jesus, Deus recorda-se da sua aliança, apresenta-se como um sol nas alturas, por cima de nós, para nos conceder servi-lo em santidade e justiça e para orientar os nossos passos pelo caminho da paz (cf. *Lc 1, 78-79*). Guardiã da certeza da sua presença até ao fim do mundo (cf. *Mt 28, 20*), a Igreja proclama juntamente com Santo Agostinho: "Alegrai-vos, vós justos: é o Natal daquele que justifica. Alegrai-vos, vós frágeis e doentes: é o Natal do Salvador... Alegrai-vos, todos vós cristãos: é o Natal de Cristo" (*Sermo 184, 2; SCh 116*).

O Senhor que há-de vir vos conceda a todos e a cada um a dádiva da alegria e da paz: estes são os meus bons votos reconhecidos e a minha oração por vós e por todas as pessoas que vos são queridas, enquanto imploro para todos um sereno Ano Novo e vos concedo do íntimo do coração uma especial Bênção apostólica.